



COMPANHIA DAS LETRAS

A FAZENDA DOS ANIMAIS

GEORGE ORWELL, pseudônimo de Eric Arthur Blair, nasceu em 25 de junho de 1903, em Motihari, Bengala, Índia. Já em seu primeiro livro, *Na pior em Paris e Londres*, de 1933, passou a assinar como George Orwell (o sobrenome é derivado do rio Orwell, na região de East Anglia).

Orwell nasceu na classe dos administradores coloniais de Bengala. O pai era um funcionário subalterno no serviço público indiano; a mãe, de ascendência francesa, era filha de um malsucedido negociante de teca na Birmânia (atual Mianmar). Após retornar com os pais para a Inglaterra, foi enviado em 1911 a um internato no litoral de Sussex. Em vez de se matricular numa universidade, preferiu seguir a tradição familiar e, em 1922, mudou-se para a Birmânia a fim de ocupar o cargo de vice-superintendente distrital da Polícia Imperial Indiana.

Em 1927, Orwell, então gozando de licença na Inglaterra, decidiu não retornar à Birmânia. Em 1º de janeiro de 1928, tomou a decisão de se demitir da Polícia Imperial. A repulsa de Orwell ao imperialismo levou-o não só a rejeitar para si o modo de vida burguês, como também a uma reorientação política. Logo após voltar da Birmânia, passou a se considerar anarquista e assim continuou por vários anos; durante a década de 1930, contudo, começou a se definir como socialista.

Quando eclodiu a Segunda Guerra Mundial, Orwell, incapacitado para o serviço militar, tornou-se um dos responsáveis pelos programas radiofônicos do Serviço Indiano da BBC. Em 1943, deixou a BBC e virou editor de literatura no jornal socialista *Tribune*.

Orwell considerava *A Fazenda dos Animais*, publicado em 1944, como seu grande avanço, a obra que unia seus talentos como romancista e seu engajamento como escritor político. “*A Fazenda dos Animais* foi o primeiro livro em que, com plena consciência do que fazia, tentei amalgamar intenção política e intenção artística numa mesma unidade”, escreveu.

A novela, no entanto, acabou sendo ofuscada por seu livro derradeiro, 1984, publicado em 1949, romance monumental que escreveu após anos de meditação sobre as ameaças do nazismo e do stalinismo.

O alerta de Orwell sobre os perigos do totalitarismo causou forte impressão em seus contemporâneos e nos seus leitores subsequentes, e tanto o título do livro como as palavras e expressões cunhadas pelo autor viraram termos correntes para os modernos abusos políticos. Orwell escreveu as páginas finais de 1984 numa casa remota, na ilha de Jura, nas Hébridais. Lá ele trabalhou febrilmente entre períodos internado por causa de uma tuberculose pulmonar, que o levou à morte em 21 de janeiro de 1950, em um hospital de Londres, aos 46 anos.

PAULO HENRIQUES BRITTO nasceu no Rio de Janeiro em 1951. É tradutor e professor de tradução, literatura e criação literária na PUC-Rio. Publicou sete livros de poesia — *Liturgia da matéria* (1982), *Mínima lírica* (1989), *Trovar claro* (1997), *Macau* (2003), *Tarde* (2007), *Formas do nada* (2012) e *Nenhum mistério* (2018) — e um de contos, *Paraísos artificiais* (2004), além de estudos monográficos sobre as canções de Sérgio Sampaio (2009) e a poesia de Claudia Roquette-Pinto (2010) e o ensaio *A tradução literária* (2012). Traduziu mais de 110 livros, em sua maioria de ficção, mas também obras de poetas como Byron, Wallace Stevens e Elizabeth Bishop.

MORRIS DICKSTEIN nasceu em Nova York, em 1940. Professor, crítico e historiador da cultura, escreveu para o *New York Times Book Review*, *Times Literary Supplement*, *Bookforum*, *The Nation*, entre outras publicações. É autor de *Dancing in the Dark*, uma história cultural da Grande Depressão, *Gates of Eden*, sobre os anos 1960, *Leopards in the Temple*, uma história social da ficção norte-americana do pós-Guerra, além do volume de memórias *Why Not Say What Happened*.

GEORGE ORWELL

A Fazenda dos Animais

Um conto de fadas

Tradução de

PAULO HENRIQUES BRITTO

Prefácio de

MORRIS DICKSTEIN



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2020 by Penguin-Companhia das Letras
Copyright “A história como fábula” © 2007 by Cambridge University Press

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Penguin and the associated logo and trade dress are registered and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with
Penguin Group (USA) Inc.

TÍTULO ORIGINAL
Animal Farm: A Fairy Story

TRADUÇÃO DO PREFÁCIO
Denise Bottmann

PREPARAÇÃO
Cristina Yamazaki

REVISÃO
Ana Maria Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Orwell, George, 1903-1950.

A fazenda dos animais : um conto de fadas / George Orwell ; tradução de Paulo Henriques Britto ; prefácio Morris Dickstein . — 1ª ed. — São Paulo : Penguin Classics Companhia das Letras, 2020.

Título original: Animal Farm: A Fairy Story.

ISBN 978-85-8285-120-3

1. Ficção inglesa I. Título

20-44482

CDD-823

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura inglesa 823

Maria Alice Ferreira — Bibliotecária — CRB-8/7964

[2020]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.penguincompanhia.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

www.companhiadasletras.com.br

Sumário

<i>Prefácio — A história como fábula, Morris Dickstein</i>	7
A FAZENDA DOS ANIMAIS: UM CONTO DE FADAS	29

Prefácio

A Fazenda dos Animais: A história como fábula*

MORRIS DICKSTEIN

George Orwell considerava *A Fazenda dos Animais* (1945) seu grande avanço, o livro que unia seus talentos como romancista e seu engajamento como escritor político. “*A Fazenda dos Animais* foi o primeiro livro em que tentei, com plena consciência do que fazia, amalgamar os propósitos político e artístico”, escreveu ele no ensaio “Por que escrevo”, de 1946.** *A Guerra Civil Espanhola*, que se iniciou em 1936, transformou o contista e jornalista em escritor político, e a experiência de combater nessa guerra, ao lado de jovens trotskistas e anarquistas idealistas, gerou nele uma hostilidade profunda pela União Soviética. Achava que Stálin prejudicara a causa republicana na Espanha ao tentar controlá-la, tal como traíra a revolução em seu país. Para Orwell, a União Soviética se convertera numa ditadura brutal, construída em torno de um culto da personalidade e mantida por um reinado do terror. Ficava especialmente indignado com a apologetica de seus

* Capítulo extraído de *Cambridge Companion to George Orwell*, John Rodden (Org.). Cambridge University Press, 2007.

** George Orwell, *The Collected Essays, Journalism and Letters of George Orwell* (doravante *CEJL*), 4 v. Harmondsworth: Penguin, 1970, v. 1, p. 29. [“Por que escrevo”, in: *Dentro da baleia e outros ensaios*. Org. de Daniel Piza. Trad. de José Antônio Arantes. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.]

simpatizantes ocidentais, que consideravam que a causa da construção socialista num país atrasado justificava muitos excessos. A seu ver, a ascensão do totalitarismo na Rússia e na Alemanha nos anos 1930 levou a seu inevitável engajamento político. “Cada linha de trabalho sério que escrevi desde 1936 foi escrita, direta ou indiretamente, *contra* o totalitarismo e *a favor* do socialismo democrata, da forma que eu o entendo.” Acima de tudo, acrescenta ele, “o que mais desejei fazer nos últimos dez anos foi transformar escrita política em arte” (*The Collected Essays, Journalism and Letters of George Orwell*, v. 1, p. 28).

Se *A Fazenda dos Animais* foi um grande avanço como arte política, também apresentou Orwell a um público muito maior. Antes de *A Fazenda dos Animais*, seus trabalhos, lançados em pequenas publicações radicais, dirigiam-se à intelectualidade de esquerda em Londres e Nova York. Criticava os comunistas e seus aliados liberais por não reconhecerem as verdades mais básicas sobre a Rússia stalinista. Tanto nos ensaios, que hoje formam a parte mais respeitada de seu legado bibliográfico, como em livros de não ficção, como *Homenagem à Catalunha* e *O caminho para Wigan Pier*, Orwell criara para si um papel de crítico interno da esquerda. Usando sua experiência pessoal como campo de trabalho para um novo tipo de jornalismo participativo, defendia os ideais básicos do socialismo contra os descaminhos daqueles que diziam falar em seu nome. Era esse o contexto de *A Fazenda dos Animais*, em que abordou a Revolução Russa e seus desdobramentos sob a forma enganosamente simples da fábula animal e da alegoria satírica.

Em parte por ter sido escrito no auge da aliança de guerra com a União Soviética em 1943 e 1944, o livro foi recusado por diversos editores ingleses e americanos, entre eles o próprio editor de Orwell, Victor Gollancz. Alguns editores, como T.S. Eliot na Faber, o rejeitaram por razões políticas: Eliot não confiava na política so-

cialista de Orwell, mas também considerou que não era um bom momento para atacar os russos. Outras casas editoriais simplesmente não entenderam. (A Dial Press de Nova York lamentou que “era impossível vender histórias de bichos” nos Estados Unidos [CEJL, v. 4, p. 138].) A publicação sofreu grande atraso nos dois países, mas, quando por fim saiu, teve enorme sucesso de vendas, em parte porque a Guerra Fria se seguiu rapidamente à Segunda Guerra Mundial. Assim, um livro que a princípio defendia uma dissidência antistalinista da esquerda, uma minoria dentro de uma minoria, foi rapidamente lançado para as linhas de frente do novo conflito Leste x Oeste.

A Fazenda dos Animais passou a ser um dos livros mais lidos do século xx, vendendo mais de 20 milhões de exemplares. Como seguia os moldes de uma fábula — breve, fácil de ler e aparentemente fácil de entender —, tornou-se um texto muito indicado no segundo grau, a única obra literária que, com quase toda certeza, é estudada por adolescentes. Mas a grande clareza e a linguagem acessível do livro contribuíram para diminuir o respeito da crítica. Hoje, Orwell é devidamente admirado como magnífico ensaísta. Além disso, a bibliografia crítica de *Mil novecentos e oitenta e quatro* é muitíssimo maior que a de *A Fazenda dos Animais*, ainda que, por meios diversos, façam a mesma crítica ao totalitarismo stalinista. *Mil novecentos e oitenta e quatro*, com seu aterrorizante clima kafkiano de mistificação, vigilância e extrema pressão psicológica, além da comovente apresentação de pequenos redutos de resistência pessoal no amor, na língua e na memória, nos prazeres do cotidiano e nos resíduos da consciência intelectual, é vista como obra para adultos, um drama humano sério e profundo. *A Fazenda dos Animais*, por sua vez, é classificada como cartilha para iniciantes, um conto muito bem construído apenas alguns graus acima das obras de propaganda. Mesmo Lionel Trilling, cujo importante ensaio de 1952 ajudou a definir a imagem de

Orwell como figura cultural do pós-guerra, declarou que *A Fazenda dos Animais* era superestimada.*

Não é difícil entender por que *A Fazenda dos Animais* tem sido vista como um Orwell light, uma espécie de *Totalitarismo para principiantes*. A mesma engenhosidade que permitiu a Orwell converter a história russa de 1917 a 1943 num conto de bichos fez com que pudesse ser visto como versão simplificada de um tema meramente tópico. Entre as fontes literárias de inspiração para Orwell estavam também os desenhos animados em voga na década anterior, com Mickey, Gaguinho e Pato Donald. As fábulas de Esopo ou de La Fontaine eram parábolas curtas ligadas a determinados costumes, com lições de moral atemporais e conservadoras. E as partes 3 e 4 das *Viagens de Gulliver*, um grande favorito de Orwell, lhe forneceram o modelo para uma extensa narrativa sobre questões mais abrangentes da sociedade humana. A magnífica inversão swiftiana do papel dos cavalos e dos seres humanos na parte 4 autorizava a transformação orwelliana do rústico fazendeiro Jones no velho regime tsarista decadente, com os bichos da fazenda como uma população oprimida que por fim se revolta. Muitas vezes deixando de alimentar seus animais, que são reduzidos a bestas de carga, o bêbado Jones é grosseiro e mesquinho como um dos Yahoos de Swift. Orwell colocou no romance não só um prazer pela natureza e uma fina sensibilidade pelos animais e pela vida rural, mas também uma dose de misantropia swiftiana, augurando um tempo “quando a espécie humana fosse finalmente derrubada” (p. 54). Quando os porcos dirigentes passam a adotar modos humanos — andar sobre duas pernas, beber, morar em casas, dormir em camas —, realmente sentimos que eles estão se degradando, decaindo da comunidade mais simples do

* Lionel Trilling, “George Orwell and the Politics of Truth” (1952), *The Opposing Self*. Nova York: Viking Press, 1955, p. 157.

mundo animal. A alegoria política de Orwell é tão eficaz no nível literal que pode ser lida como historieta infantil ou como manifesto em defesa dos direitos dos animais.

Como ensaios contra o totalitarismo, *A Fazenda dos Animais* e *Mil novecentos e oitenta e quatro* se complementam. Enquanto o último romance de Orwell, escrito quando já estava gravemente doente, descreve um mundo fechado, que parece imutável, uma era do gelo em que a liberdade pessoal mal chega a ser uma lembrança, *A Fazenda dos Animais*, sua predecessora de tom mais leve, mostra como o idealismo inicial da revolução foi se degenerando gradualmente, resvalando na desigualdade, na hierarquia e, por fim, na ditadura. Mas, montada na engenhosa forma de fábula, *A Fazenda dos Animais* consegue despertar a consciência dos leitores sem chegar a levá-los a um nível mais profundo. Tem complexidade suficiente para evocar a rivalidade entre Stálin e Trótski, bem como o conflito entre “o socialismo num só país” e a revolução mundial. De forma magistral, zomba de vários aspectos do sistema socialista, mas sem se deter muito em explicar como surgiram.

Os sistemas totalitários modernos usam uma enorme quantidade de expurgos, confissões e farsas judiciais, como fizeram os sequazes de Stálin na segunda metade dos anos 1930. Essa guinada, junto com o papel dúplice dos soviéticos na Espanha, foi uma das razões que convenceram Orwell e outros antistalinistas de que a Revolução Bolchevique fora deturpada e o sistema soviético apodrecera. Mas, quando os bichos correm histericamente para se apresentar e confessar seus crimes inexistentes e são mortos ali mesmo, Orwell, de início, faz pouca justiça àquele horrendo momento da história soviética — os processos de expurgo que Arthur Koestler explorara com tanta agudeza em 1940, em *O zero e o infinito*. Apenas no fim dessa orgia de violência é que o impacto afeta igualmente bichos e leitores:

E assim prosseguiu a sucessão de confissões e execuções, até que se formou uma pilha de cadáveres diante de Napoleão e um cheiro pesado de sangue encheu o ar, coisa que não acontecia desde a expulsão de Jones. [...] As cenas de terror e matança não eram o que eles previam naquela noite em que velho Major pela primeira vez despertou neles o desejo de se rebelar. (p. 93-4)

O que move Orwell aqui não é tanto o horror em si — o qual, como tudo mais em *A Fazenda dos Animais*, é atenuado e destilado em fábula —, e sim o choque do reconhecimento no espírito de criaturas simples: o contraste entre suas esperanças promissoras e a dura realidade. Mas, quando Tulipa — a prestimosa égua que muitas vezes é a consciência do livro — fita a cena diante de si, sente despertarem em si de novo os velhos ideais:

Se, naquele tempo, ela tinha alguma imagem do futuro, seria a de uma sociedade de animais libertados da fome e do chicote, todos iguais, todos trabalhando conforme suas capacidades, os fortes protegendo os fracos [...]. (p. 94)

Essa rememoração leva Orwell a sair da estrutura da fábula, passando a escrever de maneira quase discursiva.

E em vez disso — ela não sabia por quê — haviam chegado a um momento em que ninguém ousava expor seus pensamentos, em que cachorros ferozes rondavam por toda parte a rosar, e em que todos eram obrigados a ver os camaradas sendo despedaçados após confessarem crimes chocantes. (p. 95)

Tulipa se mantém fiel mesmo sem compreender:

Não lhe passavam pela cabeça ideias de rebelião ou de desobediência. Tulipa sabia que, mesmo do jeito que estava, a situação era muito melhor do que no tempo de Jones [...]. Mesmo assim, não era por aquilo que ela e todos os outros animais haviam lutado, não era aquilo que haviam sonhado [...]. Tais eram os pensamentos dela, embora lhe faltassem palavras para exprimi-los. (p. 95)

Esse tom de orgulho perplexo e muda decepção ressoa por todo o livro, refletindo o ponto de vista plebeu do romance, bem como a degeneração dos elevados ideais nas sórdidas realidades do poder e da traição.

Mas, se nos indagamos *por que* essas coisas aconteceram na Rússia, se nos perguntamos se Orwell está dizendo que *todas* as revoluções, depois dos primórdios igualitaristas, sofrem uma deterioração inevitável, caindo sob o controle de elites sequiosas de poder, o romance não arrisca nenhuma resposta. T.S. Eliot, para quem a sociedade exigia uma classe dirigente competente, observou numa carta a Orwell: “[afinal,] seus porcos são muito mais inteligentes que os outros animais e, portanto, os mais qualificados para dirigir a fazenda [...] o necessário (pode-se argumentar) não era um maior comunismo, e sim mais porcos com espírito público”.* Essa não é uma questão que o livro em si pudesse abordar. O livro apenas nos conta como os porcos acumularam poder e mostra que, se não conseguimos enxergar isso, permanecemos deliberadamente tapados ou desonestos. A própria simplicidade do conto, a exemplo da estimulante franqueza dos ensaios de Orwell, dá sustentação à sua defesa contra sutilezas in-

* Citado em John Rodden (Org.), *Understanding Animal Farm*. Westport, CT: Greenwood Press, 1999, p. 126. Ver também Bernard Crick, *Orwell: A Life* (1980). Harmondsworth: Penguin, 1982, pp. 456-9.